

A elite brasileira

Os vassallos da economia

DARCY RIBEIRO *

O Brasil tem uma elite? Sim, obviamente tem. Resta saber se é uma elite boa ou ruim. Elite é aquele corpo seletivo de pessoas que exercem maior influência na organização e na condução de sua sociedade. Ela é formada por dois corpos principais: o patronato, que tira seu poderio da propriedade e exploração de empresas produtivas e de bancos; e o patriciado, formado pelos que mandam através do desempenho de cargos, como os políticos, os juizes, os generais, os tecnocratas, os administradores, os bispos, os principais jornalistas e tantos outros.

Às vezes se tornam ambíguos, como no caso de empresários bem-sucedidos, que entram na política para exercer mais plenamente sua vontade de poder e de riqueza. Ou o dos patricios, que exercem seus cargos para enriquecer, a fim de ingressarem no patronato. Mesmo quando distinguíveis, eles são essencialmente solidários, porque a função efetiva do patriciado é a ordenação legal e jurídica da sociedade, seu governo e a manutenção da ordem, para que o patronato possa exercer livremente sua função de gestor da economia.

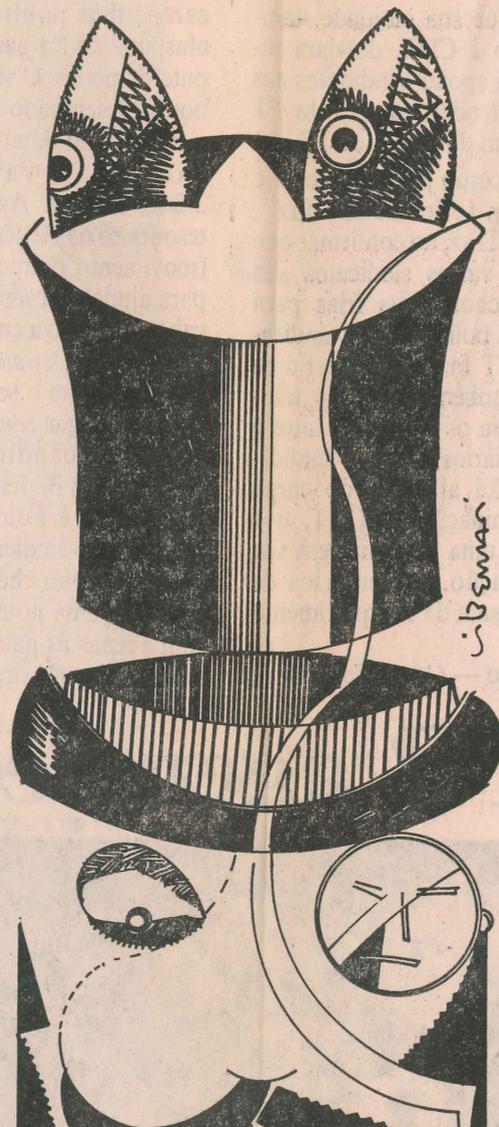
Em algumas sociedades, essas elites exercem um vivaz papel renovador, ampliando as bases de participação da cidadania na

excedente econômico gerado, que foi enriquecer outras nações.

Essa velha história é espantosamente atual. O que nossas elites de hoje recomendam é perseverar no papel de vassallos da economia mundial, a ela entregando, pela privatização, o parco patrimônio que juntamos. Eles crêem que nada há de melhor para a construção de uma próspera nação brasileira do que entregá-la aos tecnocratas e a seus amos, que são os gerentes das multinacionais. Juntos, eles promoveriam o progresso. Algum cínico podia achar que é uma piada atribuir qualquer capacidade redistributiva à elite que mais monopoliza a riqueza nacional. Ou o Brasil não é o campeão mundial negativo da distribuição de renda?

Nós, como os americanos, tivemos nossos fundadores cuja dignidade, em muitas instâncias, pode servir de exemplo e de orgulho. Tivemos e temos também uma bela nominata de políticos conservadores, mas probos, armados de alto espírito público, com grandeza de estadistas. Ocorre, porém, que lá se consolidou uma postura crítica, eticamente exigente diante dos seus homens públicos, armada dos instrumentos legais e jurídicos para julgar e punir toda prevaricação. Aqui, os antigos padrões morais e cívicos se deterioraram e cresceu o número de políticos corruptos e indiferentes aos interesses nacionais e populares, propensos a desencadear golpes, a implantar ditaduras, a subornar e a deixar-se subornar.

A eles se somou, nos últimos anos, todo um bando de políticos ladrões dos bens pú-



A burrice coletiva

ROBERTO CAMPOS *

Ficou moda. Precisamos de alguém para culpar. E como não? De que outra forma vamos explicar esta confusão danada, este "gigante pela própria natureza" que não dá jeito nem mais de sentar-se, quanto mais ficar de pé? A culpa tem de ser de alguém, alguém que, por definição, poderia fazer as coisas como deveriam ser feitas. E, é claro, tem de ser um sujeito bem abstrato e genérico: as elites.

Não, calma. Eu sei, eu sei. Desde Gaetano e Mosca, no começo deste século complicado, se fala no papel das elites. No século 18, a culpa foi da aristocracia. Marx falou na burguesia. Lenin fez do Partido a vanguarda do proletariado (quer este quisesse, quer não). Gramsci repôs em evidência os intelectuais. O problema não é que não existam elites. Em todas as sociedades há grupos que têm mais prestígio, *status*, riqueza e poder do que os demais, e que adquirem consciência de que as decisões relevantes, de algum modo, passam por suas mãos. Os gregos usavam termos muito nítidos, os *hoi homoi* e os *hoi poloi*, os "iguais" e "os outros".

O Brasil teve, no Império, as suas classes dominantes de fazendeiros, os grandes comerciantes, os militares, funcionários, profis-

do país. E o diabo é o círculo vicioso — ou o *feedback* positivo, digamos em comemoração do fim inglório da SEI, a sinistra combinação de despotismo e estupidéz, que atrasou tecnologicamente o país e roubou a geração entre 15 e 30 anos. Esses obstáculos impedem o desenvolvimento do país, o atraso resultante os reforça mais, e assim vai.

Alguns episódios de corrupção de personalidades do governo, parlamentares, funcionários ou empresários significam alguma catastrófica falência das elites brasileiras? O povo precisa de símbolos, e a corrupção tornou-se o símbolo por excelência de tudo o que parece errado no país. Entende-se. O Estado é o funil de todos os privilégios e abusos, e o cidadão individual, desarmado diante de um gigantesco processo mafioso, junta tudo no mesmo saco. A máfia existe, sim, mas não é a "elite". É uma criação do próprio Estado todo-poderoso, do nacional-populismo, das esquerdas de segunda ou terceira mão, subsérias e pré-modernas, híbridas de stalinismo com clientelismo. Um pouco de corrupção existe em todas as partes, é um desvio estatístico normal. E pode ser tratado com os meios institucionais ordinários. Mas quando o Estado detém alguns dos grandes setores produtivos, e ao mesmo tempo não investe o necessário na infraestrutura, muito do setor privado — por exemplo, o da engenharia e construção (que alguns bobos chamam de "empreiteiros", pensando que é nome feio, quando tecnologia, profissionais qualifi-

participação da cidadania na vida nacional e dos trabalhadores no usufruto da prosperidade econômica. Em outras, seu papel é feiamente negativo, porque consiste, essencialmente, em açambarcar todo o poder e se apropriar de toda a riqueza em que possa pôr as mãos. É o nosso caso, de elites empresariais e burocráticas socialmente irresponsáveis.

Para bem avaliar nossas elites é bom compará-las com outras. A elite americana exemplifica bem o papel altamente positivo que um patronato e um patriciado podem exercer dentro de uma sociedade capitalista. A nossa, ao contrário, tem sido o principal fator causal do desempenho medíocre do Brasil, expresso na incapacidade de criar uma economia de prosperidade generalizada. As elites americanas, por exemplo, abriram todo o seu Oeste, imensíssimo, aos pioneiros que quisessem ir para lá plantar uma roça e fazer uma casa, garantindo-lhes o direito a uma propriedade de 30 hectares. Criaram, assim, uma infraestrutura de milhões de granjeiros que constituíram a base da economia americana e o fundamento de sua prosperidade. Nossa elite consagrou o latifúndio, obrigando cada trabalhador, ao sair de sua fazenda, a cair em outra igual. Disso resultou uma economia estreita, desprovida de mercado interno, fundada na grande propriedade improdutiva, que monopoliza a terra, não planta e não deixa plantar.

A economia produtiva nos Estados Unidos respondia primordialmente às necessidades do próprio consumo. A nossa, ao contrário, se estrutura para servir ao mercado externo. Por este caminho, os Estados Unidos, a partir de uma economia colonial de grande pobreza, prosperaram extraordinariamente como uma sociedade que existe para si mesma. O Brasil, que era rico, ficou paupérrimo, na sua condição secular de proletariado externo do mercado internacional, em que desgastamos milhões de índios, de negros e colonos, produzindo o que não consumiam e mandando também para fora o

A realidade perversa é resultado da condução desastrada da economia pela elite.

nos anos, todo um bando de políticos ladrões dos bens públicos que opera em conluio com as grandes empreiteiras para sangrar a economia nacional. Essa modalidade de ladroagem patricial floresceu muito com a ditadura militar discricionária e corrupta, que entregou a condução da economia brasileira a este tipo de tecnocrata, que acha legítimo lucrar no exercício de funções públicas. A situação se agravou com a democratização, pela tendência de muitos em-

presários, que antes financiavam campanhas políticas de deputados e senadores, a comprarem mandatos para si próprios, levando ao Congresso seu furor privatista, revestido de um neoliberalismo que é, de fato, um neoconservadorismo.

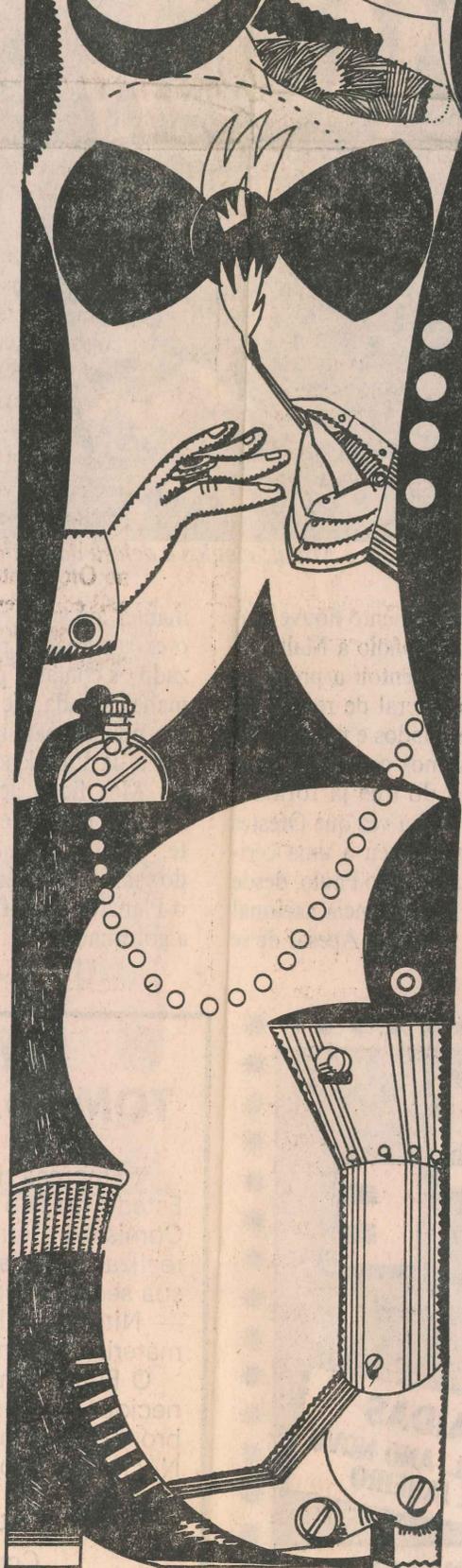
Tudo isso resultou no episódio, que será registrado como afortunado na história brasileira, de um tecnocrata ensandecido que desvendou a roubalheira da Comissão de Orçamento do Congresso Nacional. O Brasil olha perplexo a Comissão de Inquérito que analisa a gigantesca roubalheira.

Estando às vésperas de uma eleição em que o povo elegerá, simultaneamente, o presidente, governadores, senadores e deputados — depois de 50 anos em que não pôde fazê-lo — abre-se a perspectiva de que as elites brasileiras sejam passadas a limpo, para merecerem alguma vez a confiança do povo.

Já é tempo de fazê-lo. Até tarde, porque, frente a essa elite pervertida que vive à tripa forra, está um povo multitudinário, pobre e sofrido, entrando em desespero. Hoje mais sofrido que ontem, porque lançado no desemprego e suas mazelas: a violência, a delinqüência, o abandono dos menores, a prostituição de crianças, a fome e o depauperamento.

O que mais me dói nessa realidade perversa é que ela não é nem natural, nem necessária. É consequência da condução desastrada da economia e da política por uma elite patronal e patricial, notoriamente corrupta, irresponsável e infecunda.

* Senador pelo PDT-RJ.



litares, funcionários, profissionais liberais, jornalistas e os políticos, extraídos dessa gente. Foi um regime de notáveis, que funcionou bem (para as condições de então), e ainda entrou pela República Velha adentro, apesar de as oligarquias estaduais se terem degradado aos poucos. O caroço no anjo do Império foi a escravidão, e, por não tê-lo sabido resolver em tempo, não agüentou o tranco em 1889. Na Europa do século passado, onde a velha estrutura aristocrática baseada na terra não se havia esgotado de todo, as elites de poder eram bem definidas, e freqüentemente demonstravam um forte senso de responsabilidade e de dever para com o país. Mas todos evoluíram no mesmo sentido dos Estados Unidos, tornando-se (depois de algumas peripécias) sociedades de massa, democracias de base ampla, e desenvolvendo uma formidável classe média. Mas conseguiram fazê-lo porque, de modo geral, souberam manter em funcionamento a economia de mercado, mecanismo ao mesmo tempo essencialmente democrático — e particularmente “antielitista” (porque é um plebiscito permanente das preferências da população) — e maximizador da eficiência econômica.

Nossa ladainha sobre as culpas das elites simultaneamente revela e esconde o fato de que o país não é mais o que foi nos “bons tempos”, e não conseguiu completar a transição para uma moderna democracia de massa e para uma economia eficiente. Não o conseguiu porque ficou engasgado a meio caminho com estruturas defasadas. O nacional-populismo, o sindical-radicalismo (criado artificialmente pelo Estado, e por ele subsidiado — isto é, pago por todos nós — com os incríveis artifícios totalitários do sindicato único, do imposto sindical obrigatório e da irresponsabilidade das greves do setor público — instrumento político no jogo do poder) e o baixo clero da intelectualidade subdesenvolvida, cujo traço dominante é o ressentimento contra tudo e todos, são enormes pedras no caminho

A culpa não é das elites, mas da burrice coletiva com que temos nos comportado.

nologia, profissionais qualificados, mão-de-obra e capacidade empresarial são absolutamente necessários para o desenvolvimento) — é simplesmente obrigado a procurar qualquer solução para sobreviver. A grande corrupção é o Estado grande, e por isso é que, quando finalmente se levantou, o povo russo exigiu *glasnost* — transparência — para não pequena perple-

xidade da opinião ocidental, acostumada à natural liberdade da economia de mercado e a um Estado mais ou menos contido.

Elites, elites. Andemos um pouco por este imenso Brasil afora. Vamos ver engenheiros, biólogos, agrônomos, pequenos e médios empresários, médicos, pesquisadores, professores, técnicos e profissionais liberais, operários especializados, agricultores — toda essa gente trabalhando, competindo, esmagada por impostos idiotas e por uma burocracia intransponível, às vezes achada por fiscais e “representantes da lei”. Essa a elite que está virando massa, e onde está o futuro. Mas, no campo político, mantemos o sistema puramente proporcional — fatal para a Itália, que dele se livrou, como se está livrando da corrupção gerada pelo Estado; tivemos até agora uma hipócrita e insensata legislação sobre financiamento eleitoral, que proibia contribuições de pessoas jurídicas, em geral, e restringia as de pessoas físicas aos partidos — quando o representante é individual! Ficamos invocando doações, o maná dos céus oficiais — e doações, é claro, valem eleições. Podemos estranhar alguns desvios, como em qualquer população?

Não, a culpa não é das nossas elites — é da burrice com que temos nos comportado coletivamente, é da nossa atitude servil e sabuja diante do Estado Papai Noel e delegado de polícia. É a passividade de súcubos diante das invasões da liberdade, do estupro da economia de mercado pelos clones do totalitarismo estatizante. Os *profiteurs* dos monopólios do Estado não são as elites — são a Nomenklatura, a antielite.

* Deputado federal pelo PPR-RJ.

liberman

